

XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XIII ENANCIB 2012

GT 3: Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

O livro depois do livro

Pôster

Wesley Augusto Nogueira – USP

wesley.nogueira@uol.com.br

Resumo: Através da análise das novas possibilidades no âmbito da produção editorial impressa e digital, pretende-se compreender de que forma estas podem reajustar as práticas de armazenamento, circulação e apropriação da informação bibliográfica, bem como a maneira como podem afetar socialmente leitores, autores e editores. Para tal, efetuou-se um estudo exploratório a partir de pesquisa bibliográfica de forma a obter dados teóricos que corroborem a hipótese de que as novas tecnologias do livro não se voltam contra ele, mas ampliam suas potencialidades, embora estas, como se conclui, não serão efetivas se não forem socialmente justas.

Palavras-chave: livro impresso ; *e-reader* ; inovação editorial ; leitores ; autores.

Abstract: By analysis of new possibilities within the printed and digital editorial production, we aims to understand how they can adjust the practices of storage, circulation and appropriation of bibliographical information, and how they can affect socially readers, authors and editors. To this end, we performed an exploratory study from literature search to obtain theoretical data to corroborate the hypothesis that the new technologies of the book did not turn against him, but extend its capabilities, although these, as we conclude, not will be effective if they are not socially fair.

Keywords: printed book, *e-reader* ; editorial inovation, readers, authors.

INTRODUÇÃO

O progresso técnico, historicamente, sempre se inscreveu na percepção antagônica entre deslumbramento e terror, esperança do desenvolvimento humano através da tecnologia e o medo dos seus efeitos, muitas vezes vistos como devastadores. As suposições de que o avanço tecnológico seria responsável pela extinção dos suportes tradicionais de informação inscrevem-se nesse âmbito, não sendo tão recentes como querem fazer crer os meios de comunicação. Darnton (2010, p. 87) demonstra que o discurso do fim do livro existe desde a criação do projeto que, para ele, constitui-se no primeiro e-book: o Memex, conceituado por Vannevar Bush em 1945. McLuhan (2005, p. 208), quase trinta anos depois, ao ministrar uma conferência sobre o futuro do livro, em 1972, vaticinou que, “quando milhões de volumes

podem ser comprimidos num espaço do tamanho de uma caixa de fósforos, já não é apenas o livro, mas toda a biblioteca que se torna portátil”.

Nota-se, assim, que se fala em fim do livro há pelo menos seis décadas. Mas, ainda que o discurso não seja novo, pela primeira vez parece romper as fronteiras acadêmicas e especialistas e tornar-se matéria comum nos meios de comunicação e entre o público não especializado. Desse modo, pode-se observar uma profusão de reportagens, análises e comentários referentes ao futuro do livro, especialmente após o impacto que aparelhos como Kindle, Nook e Sony Reader, leitores digitais dedicados e, mais recentemente, o Ipad, um *tablet*, causaram na maneira como os livros são adquiridos e lidos.

Pretende-se aqui investigar de que modo o livro digital legível por *e-readers* pode reajustar as práticas de armazenamento, circulação e apropriação da informação bibliográfica e possibilidades que daí advêm, bem como de que maneira o livro impresso resiste, investido de novas técnicas tipográficas, potencializando, a partir da conjunção entre impresso e digital, as perspectivas de apreensão de sentidos e construção de significados para o leitor.

1. EVOLUÇÃO, REVOLUÇÃO E PARTICIPAÇÃO

O livro, físico, em papiro, pergaminho, papel e tinta, possibilitou que se chegasse até o estágio atual da evolução humana, quando puderam ser desenvolvidas máquinas portáteis que, por sua vez, ameaçam relegá-lo à categoria de objeto de museu, memória de antepassados, curiosidade em grandes gabinetes digitais de informação. Destiná-lo ao que seria o pior fim para um livro: o esquecimento.

Sob essa ótica, o livro digital profana não apenas a sacralização constituída em torno do objeto, mas a própria existência do livro impresso. Todavia, a História demonstra que nenhuma tecnologia se extingue completamente. Recombina-se, reconstrói-se e renasce sob uma nova configuração, mais adequada e conveniente à época e sociedade em que se instala. Toda tecnologia, embora retrato de um período, evolui de outras que a precederam.

Assim, mudanças em aparatos como os de comunicação incidem diretamente em transformações no tecido social, ainda que os estratos não sejam afetados homoganeamente, nem a adaptação dos indivíduos ocorra de forma síncrona. Não é diferente com o livro, que durante os últimos dois milênios foi o principal instrumento de armazenamento e circulação da informação registrada. Como comprova Chartier (2002, p. 112), “[...] a longa história da

leitura mostra com firmeza que as mutações na ordem das práticas são geralmente mais lentas do que as revoluções das técnicas e sempre em defasagem em relação a elas”.

É desejo, portanto, de toda sociedade que pretende evoluir aprimorar a tecnologia de que dispõe e, no caso do livro, “durante séculos os esforços para aperfeiçoá-lo voltaram-se para a forma do objeto: rolo, fólio, folheto; para o material: papiro, pergaminho, papel; ou para o processo de reprodução: cópia à mão, impressão à mão, impressão mecânica, *offset*, etc”. (BARKER ; ESCARPIT, 1975, p. 2). O *e-reader* apresenta-se como a conjunção de todos os anseios anteriores de desenvolvimento técnico em um só corpo. Revolucionaria a forma e o suporte do livro, ao virtualizá-lo, e o processo de reprodução, ao replicá-lo digitalmente em um número teoricamente infinito de exemplares a qualquer localidade.

Como instrumento, o livro estabeleceu-se como canal de comunicação material entre leitor e autor. O *e-reader*, com as possibilidades inéditas que manifesta, vem dissolvendo exatamente a materialidade tradicional desse meio e é neste aspecto, na imaterialidade do livro digital, que se situam boa parte dos estudos referentes ao papel do leitor em relação à nova configuração do livro, perscrutando de que maneira a prática da leitura constitui-se ante o texto eletrônico.

O progresso das técnicas de produção do livro digital deveria, no entanto, para ser socialmente válido, ser acompanhado do desenvolvimento instrumental dos leitores, de modo a possibilitar-lhes o acesso eficiente à nova forma de conteúdo disponível nas redes. Para nada serve uma vasta biblioteca repleta de *e-books* se for inacessível à grande parte de seus usuários em potencial. Como bem demonstra Harvey (2000, p. 53) “o problema, contudo, é que agora o conhecimento pode ser codificado de todas as maneiras, algumas das quais mais acessíveis que outras”. Portanto, a educação para a acessibilidade dos textos e apropriação intelectual dos mesmos é fundamental para que se efetivem as potencialidades que o livro digital prospecta e que todos possam, enfim, tornarem-se efetivamente cidadãos.

2. EDIÇÃO E PRODUÇÃO

Para Darnton, (*op. cit.*, p. 86), o fim do livro ocorre pela incapacidade dos tipos móveis em se manterem atualizados, diferente do que ocorre em ambientes digitais, posição semelhante a defendida por Barker e Escarpit, (*op. cit.*, p. 3). O livro impresso, entretanto, está reorganizando-se, em termos produtivos e editoriais, para, uma vez que não pode

acompanhar, ao menos se adequar à nova relação estabelecida entre disponibilidade e acesso à informação.

Um processo recente, que ganha cada vez mais espaço, é o do livro impresso sob demanda. Com a evolução da tecnologia gráfica, nota-se um considerável crescimento desse tipo de serviço, que tende a tornar-se cada vez mais vantajoso para títulos com menor potencial de mercado ou, ainda, volumes personalizados contendo trechos de diversos textos, por exemplo.

A técnica de impressão sob demanda parece seduzir especialmente autores iniciantes, sem público formado, pesquisadores que queiram publicar suas teses, pequenas editoras ou mesmo as tradicionais, que se utilizariam de dois meios: impressão convencional, para títulos de saída garantida e impressão sob demanda, para os outros. No caso de autores iniciantes, uma pequena edição de um livro de estreia pode ser viável, mais segura e menos frustrante que arriscar a peregrinação pelas grandes casas editoriais, onde é grande a possibilidade de serem rejeitados. Da mesma maneira, pesquisadores podem distribuir ou vender alguns exemplares impressos de seus trabalhos a colegas, alunos e demais interessados, sem esperar pela seleção de uma editora universitária. Em ambos os casos, satisfaz-se as necessidades sem depender do amadorismo das cópias reprográficas.

Em um outro âmbito, o das editoras, a impressão sob demanda pode ser particularmente útil para as pequenas casas editoriais, que, não tendo catálogo extenso e condições financeiras para investirem em tiragens maiores, podem disponibilizar suas publicações sem risco de grandes perdas. Além disso, esse método de impressão revela-se como alternativa válida para bibliotecas de pesquisa, onde livros ou excertos não disponíveis fisicamente poderiam ser impressos no próprio local.

No que diz respeito à edição digital, também se anteveem novas possibilidades. No plano das editoras, a edição digital, junto à sob demanda, é instrumento importante para o controle da superprodução que ameaça de crise as editoras brasileiras. Entusiasmadas com o bom momento do mercado editorial do país, têm impresso mais volumes que a capacidade de absorção dos consumidores. O resultado é um grande volume de livros encalhados, que demandam alto custo de armazenamento e correm o risco de serem destruídos para venda como apara.

Outro aspecto relevante é a prática da auto-edição, que poderia, teoricamente, acabar

com a função de editor. Por esse sistema, que já é adotado pela livraria online Amazon, qualquer pessoa pode criar seu texto, diagramá-lo e enviá-lo para o site da empresa, que o disponibiliza virtualmente, cobrando por isso uma porcentagem sobre o valor de venda, que é definido pelo próprio usuário. Um livro impresso, ainda que bem distribuído, o que é raro, jamais obterá o alcance do livro digital. Assim, se conseguir agradar aos leitores, um autor desconhecido pode vender, digitalmente, mais do que um *best-seller* impresso.

A prática da auto-edição, entretanto, requer que se reflita sobre o tipo de livro que será disponibilizado, em termos de qualidade gráfica, ortográfica e de conteúdo. Sem a garantia que uma boa editora pode proporcionar, não há como saber se o que está sendo adquirido possui algum mérito. Traduções, por exemplo, continuariam a demandar a intervenção de uma editora para ser viável economicamente. A figura do editor, desse modo, permaneceria importante pelo trabalho de seleção e preparação do texto, ainda que nada impeça que um livro de qualidade possa ser publicado sem o crivo de um selo editorial.

Martín-Barbero (1995) procura reconsiderar o lugar do receptor, situando-o como ativo no processo de comunicação, em contraposição à tradicional visão de passividade. Assim, como se pôde observar até aqui, os dispositivos portáteis de leitura digital, estendendo o sentido original proposto pelo autor, vão ao encontro desse novo cenário, por permitir ao leitor deixar de ser apenas o que recebe a informação bibliográfica, através de comunicantes que são representados, nesse caso, pelos autores e editores, passando, agora, ao papel de ativos na construção dessa informação, possibilitados de criá-la, alterá-la e compartilhá-la de forma independente.

3. DISSEMINAÇÃO E ACESSO

Embora ainda permaneça incógnita a questão da preservação dos livros em meio digital, tem-se, em contrapartida, a certeza de que, em nenhum outro momento na história do livro, a potencialidade de disseminação e acesso bibliográfico foi tão grande. Como observa Colombo, “[...] os suportes da técnica eletrônica não são mais confiáveis que os outros mais clássicos (como por exemplo os de papel), sob o ângulo da durabilidade, mas é natural que o sejam dentro da perspectiva da acessibilidade e da rapidez na localização das informações”. (1991, p. 100)

As possibilidades oferecidas pelos e-books, consideradas a partir de tecnologia já

disponível, mas que ainda não se efetivaram como prática, têm condições de reestruturar o modo como se acessa a informação, bem como possibilitar sua distribuição mais igualitária na sociedade. Pequenas bibliotecas de cidades do interior, por exemplo, poderiam se beneficiar da utilização de *e-readers* ao disponibilizar, através de acesso remoto, um acervo bibliográfico de proporções improváveis sob a forma de volumes impressos. É inviável que uma cidade do interior possua, em sua biblioteca ou sala de leitura, um acervo de milhões de exemplares. Já virtualmente, não. Disponibilizando a quantidade adequada de aparelhos em relação ao número de usuários, qualquer biblioteca poderia fornecer o acesso a tantos livros quanto comporta a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, respeitando-se os direitos e licenças devidos.

O acesso à produção livresca de países menos desenvolvidos pode realizar-se de maneira direta se os livros forem disponibilizados em bancos de dados digitais, inclusive de grandes livrarias, como a Amazon, já citada anteriormente, que através da publicação digital em seu site disponibiliza livros digitais de, teoricamente, qualquer parte do planeta, favorecendo o intercâmbio cultural, desde que, claro, as línguas sejam compreendidas. Culturas antes excluídas podem, assim, disponibilizar seus produtos ao mesmo tempo em que acessam os de outras, embora se deva considerar um grande número de fatores aqui envolvidos, como, por exemplo, valor e conhecimento da existência das obras, disponibilidade de aparelhos para leitura e qualidade das redes de transmissão de dados.

Outra forma de uso dos e-readers é voltada aos livros e documentos raros, que até então têm sua disponibilidade restrita, por questões de preservação. Alguns, inclusive, não podem ser acessados fisicamente nem por especialistas, devido ao estado frágil em que se encontram. Como solução, as bibliotecas podem digitalizar esses materiais e disponibilizá-los para acesso livre, conjugando, assim, a preservação dos originais com a disponibilidade das fontes de informação. A Biblioteca Brasileira, situada no campus Butantã da Universidade de São Paulo, procura investir nesse sentido, ao disponibilizar parte do rico acervo de brasileira que possui, formado durante mais de sessenta anos pelo empresário José Mindlin e sua esposa, a restauradora Guita Mindlin¹.

Para que este cenário se realize, entretanto, é impreterível que, conforme já se salientou, todos possam ter a capacidade de ascender, financeiro, operacional e

¹ A coleção Guita e José Mindlin conta com uma biblioteca de referência em brasileira, deixada de herança ao casal por Rubens Borba de Moraes, reconhecido bibliófilo e especialista em livros raros que tratam do Brasil.

intelectualmente, aos equipamentos de forma igualitária ou, ao invés de aproximar, o *e-reader* tratará de segregar ainda mais aqueles que já são excluídos. Vencidos tais obstáculos, as perspectivas para o livro digital são indubitavelmente promissoras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se, durante o estudo, não opor simplesmente a tecnologia impressa e a digital, mas sim apresentar quanto as novas tecnologias podem potencializar o uso de um instrumento como o livro, que, apenas em seu formato atual, o códice, já há aproximadamente dois mil anos é responsável por comunicar os sentidos e armazenar a memória da humanidade. Certamente não se pôde estabelecer toda plêiade de possibilidades, panoramas e cenários que advêm de uma transformação do sistema técnico em que se localiza o livro, seja pela extensão deste trabalho ou por serem ainda, muitas delas, de frágil sustentação com os dados de que atualmente se dispõe. O que se objetivou, desse modo, foi a apresentação de um paradigma possível a partir da evolução da técnica de produção livresca, que depende de configurações adequadas nos âmbitos econômico, social e político para que seja efetivo.

Não há garantia de que o livro digital perfurará todos os estratos sociais, como fez por exemplo, o celular, a televisão e o rádio. Se a tecnologia não utiliza, mas sim é utilizada, se é demandada, cabe população gerar sua demanda e, assim como ocorreu com esses meios de comunicação, tornar o *e-reader* popular, somado o auxílio de políticas públicas efetivas para a aquisição dos mesmos. Se vai atender a uma demanda latente por leitura ou se concentrar em determinadas classes sociais, não há dados suficientes para afirmar. Quando se aventa as novas possibilidades que surgem, percebe-se que a fronteira a ser dissolvida pelo livro digital não é apenas a do suporte, como limite do texto, mas também a do espaço e dos meios, como limite do acesso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, Ronald E.; ESCARPIT, Robert. **A fome de ler**. Rio de Janeiro: FGV; INL, 1975.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- DARNTON, Robert. **A questão dos livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARVEY, David. Pós-modernismo. In: _____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 45-67.

MCLUHAN, Marshall. **McLuhan por McLuhan**. São Paulo: Ediouro, 2005.